

Pulsão de morte e o além de si mesmo

Maria Ângela Bulhões

A leitura do texto *Para Além do Princípio do Prazer*, de Freud, 1920, tomou novos contornos após o estudo do seminário *O sinthoma*, de Lacan e possibilitou-me algumas reflexões que trago nesse escrito. Retomar a discussão sobre o conceito de pulsão de morte na clínica psicanalítica, falar de uma pulsão conservadora e destrutiva, que não pôde ser ignorada pela escuta atenta de Freud, parece-me crucial e extremamente atual.

Freud no texto *Além do Princípio do Prazer*, diz que fomos levados a distinguir duas espécies de pulsões: aquelas que pretendem conduzir a vida à morte e as sexuais, que sempre buscam e efetuam a renovação da vida. Então, no final de sua obra, Freud estabelece o conflito de duas pulsões: pulsão de vida e pulsão de morte. Ele ainda enfatiza que para conservarmos a hipótese da existência da pulsão de morte, será preciso conjugá-la às pulsões de vida desde o nascimento do indivíduo.

Na primeira parte do texto *Além do Princípio do Prazer*, Freud está às voltas com as formas de repetições. Observa a brincadeira repetitiva de seu neto e considera que essa faz parte do trabalho de simbolização que precisa ser realizado quando da ausência/perda do objeto primário. No jogo do Ford/Da (jogo do carretel), a criança joga o brinquedo e depois o traz de volta. O autor constata que se trata da elaboração do processo de separação/perda da mãe, ao passar de uma posição de passividade à de atividade no jogo. Além da observação de seu neto, Freud também encontra na clínica a repetição como forma de regressão. Isso acontece quando essa repetição está relacionada ao comportamento conservador de não abrir mão de uma perda/separação. O autor lembra que, muitas vezes, o paciente que se encontra pronto para finalizar seu tratamento apresenta uma piora significativa dos sintomas para não fazer a separação do analista. Chega a chamar essa repetição de demoníaca.

O fenômeno clínico da compulsão à repetição foi o que fez com que Freud reconhecesse o seu encontro com o que chamou de pulsão de morte. E foi a partir da observação da compulsão à repetição que ele constatou o caráter regressivo das pulsões. Essas pulsões restariam estabelecidas no Eu.

É importante diferenciar o *encontro com o mesmo*, chamado na clínica de Freud de compulsão à repetição, e que está ligada a pulsão de morte, daquela repetição que Lacan chama de *insistência significante*. Existe um ponto de ligação entre essas duas

formas de repetições, que por vezes pode aproximá-las: a busca de gozo. Essa busca de gozo se introduziria através da lembrança/registro de um ideal encontro mítico com um Outro não barrado/Objeto Primário de satisfação. A pulsão de morte trabalha na resistência a qualquer forma de perda do gozo.

Já a insistência significativa está relacionada ao *encontro faltoso* com o Outro que produziu a perda de gozo. A repetição se dará a partir da insistência dos significantes como tentativa de encontro com o objeto, que nunca acontecerá. A insistência significativa está, portanto, ligada à matriz simbólica. Quando encontramos o sujeito de desejo na fala de alguém, isso significa que a castração se inscreveu a partir da perda de gozo. O significante *Nome do Pai S1* se inscreveu e o sujeito tornou-se um ser de repetição. Podemos dizer que, nesse contexto, a repetição trabalha na persistência, criando formas diversas e ligando novos significantes. Por meio dessas ligações, é mantido o desejo do encontro com o antigo, e idealizado, objeto de satisfação, que nunca será reencontrado. Assim, fica estabelecida a possibilidade de negociação, e o gozo resta parcializado. A falta inseriu-se, bem como o desejo. Não será possível o gozo absoluto, mas acessaremos pequenos gozos cotidianos, que farão parte da existência.

Fazer a diferenciação das duas formas de repetições no nosso fazer clínico é bastante relevante, pois tomar erroneamente o sujeito desejante, que repete de forma significativa, por alguém que está tomado na *repetição do mesmo* pode produzir a melancolização do paciente. Uma interpretação dessa forma pode fazer com que o paciente acredite que não consegue produzir movimentos em sua vida, afinal ele só sabe repetir. Na vida podemos dar muitas voltas, sem que isso seja, necessariamente uma regressão. Por outro lado, não reconhecer a cristalização significativa e a dificuldade do paciente de sair de um mesmo lugar pode deixar de fora sinais importantes da gravidade do caso. É importante reconhecer quando existiu a dificuldade da inscrição simbólica para avaliar também os possíveis limites no tratamento.

Lacan nos diz, no seminário *O sinthoma*, que a pulsão de morte é o real enquanto só podendo ser pensado como impossível. Afirma também que o fogo é o Real. Põe fogo em tudo, o Real. O Real está a procurar do outro lado, do lado do zero absoluto. Busco essas palavras de Lacan para ajudar na sustentação do que considero que Freud disse com todas as letras, e que algumas leituras pós freudianas trataram de amenizar: a pulsão de morte significa destruição. Lacan aproxima a pulsão de morte do conceito de real e nos traz também o real na sua dimensão destrutiva. Refere-se à procura do zero absoluto no Real, assim como Freud também referiu-se à tendência do retorno ao inanimado na pulsão de morte.

A leitura do texto *Além do Princípio do prazer* me fez refletir que quando Freud fala que as pulsões sexuais estão relacionadas às pulsões de vida, isso quer dizer que *vida* implica necessariamente que o sujeito precisa investir fora de si, fazer ligações com um diferente de si. *Vida* é se relacionar a partir da diferença inserida pelo primeiro Outro, na convivência com o outro.

O encontro com o psicanalista almeja ser propiciador da pulsão de vida para que ela possa retomar sua função. Essa ligação, em que está presente o desejo de analista, considera a existência de um sujeito. Trabalhamos a partir da ética da psicanálise para a existência desse sujeito. Sujeito do desejo, sujeito do inconsciente, sujeito dividido, o único que concerne à nossa prática. Instigamos novos significantes, ali onde o retorno do que foi falido faz entrave e segue produzindo a repetição acéfala na busca do gozo absoluto. Lacan afirma que a repetição demanda o novo. Ela se volta para o lúdico, que faz desse novo sua dimensão. O desejo de analista deve possibilitar a sustentação da diferença que faz intervalo e impede a continuidade mortífera do gozo narcísico.

A Psicanálise não trabalha com certezas e, então, possivelmente estará sempre na contramão dos discursos da ciência baseada em evidências. Mas será que a Psicanálise já navegou mares tranquilos? Será que não é da sua própria constituição navegar contra a corrente? Entendo que sua borda entre ciência e arte não deve ficar perdida. É uma dupla filiação que enriquece sua possibilidade de práxis e também é nessa interface que busca sua sustentação no discurso.

Estamos num Congresso para tratar da ética da Psicanálise na atualidade. Considero que a ética do desejo, a ética do sujeito do inconsciente é a única ética que pode, independentemente de uma época, sustentar a psicanálise. Dessa forma a ética da psicanálise pode ser confundida com a própria função do psicanalista. Isso não modifica o fato de existirem novos comportamentos, novos discursos, novas patologias, que fazem parte dos novos tempos e que exigirá do psicanalista o reconhecimento dessas transformações para manter-se à altura de seu fazer.

A iniciativa da reunião de psicanalistas para discutir a ética da Psicanálise, congregando diversas nacionalidades em diferentes línguas, me parece ser uma fonte de inspiração para que a Psicanálise possa sustentar sua função criativa. Como deixei claro nesse escrito: pulsão de vida implica em ir além de si mesmo. E tenho convicção de que essa reunião é um dispositivo que trabalha nessa perspectiva.